

Mesa-Redonda

História do parto e seus cuidados

Anayansi Correa Brenes

Universidade Federal de Minas Gerais

Introdução

Entre os fragmentos da história das parteiras brasileiras se destaca uma “estranha figura”, que chegou a ser a primeira parteira formada pela faculdade do Rio de Janeiro, bem como a ser a primeira mulher reconhecida pela Academia Imperial de Medicina, no século XIX.¹

Esta personagem lembrava a imagem masculina. Como diz Mott, parafraseando Rodrigo Otávio, que a conheceu pessoalmente, lembra-se dela como “um tipo bizarro de criatura assexuada. Sempre de preto com uma simples saia e um casaco masculino, colarinho e gravata de homem, pequena cartola pouco afunilada cobrindo uma cara feia, com umas barbichas que lhe pendiam de uma verrugas no queixo” (*apud* Santos Filhos, 1947, v.1, p.201).²

A figura de Mme Durocher não se identificava com os tipos femininos que povoavam o Rio de Janeiro até meados do século XIX; segundo ela, esta estranheza na sua maneira de viver a profissão, referindo-se ao “recatamento” de suas vestes, teria “tranquilizado as parturientes na hora do parto”.³

Mm^{re}. Durocher fazia duras críticas à corporação médica francesa da época, uma vez que esta instituição defendia a arte obstétrica como masculina.

Por quê?

Segundo ela, Velpeau,⁴ famoso parteiro francês do século XIX, tinha se tornado o mais digno representante “parisien” dentro da faculdade de medicina de Paris, que defendia a eliminação das parteiras.

Valorizava os homens por causa da “sua organização mais forte, de moral menos impressionável; assim como no geral a sua vida é mais independente e possui maior soma de instrução que o torna apto para exercer todos os ramos da medicina”.

Para Durocher haveria “outro tipo de homens”, provavelmente parteiros, que a corporação não aludia: “há, por exceção, homens afeminados tanto física como moralmente, que pouco ou nada servem à sociedade; e igualmente por exceção mulheres de organização quase varonil, de instrução variada e de inclinação decidida para a independência, por consequência quase tão aptas como o homem para as manobras tocológicas da profissão de partos”(...). Concluía, então: “que poderá haver parteiras, desde que aquelas mulheres que a essa profissão se destinem estejam nas condições exigidas e indispensáveis para tal mister”.⁵

Compreende-se, portanto, que a prática profissional de ocupação do mercado havia transformado as aparências da identidade sexual de ambos os profissionais. O sexo a que pertencia cada um não poderia ser tratado classicamente dentro da referência sexual-biológica: masculino = homem, feminino = mulher. Nem como nova identidade sexual da parteira/parteiro: um certo homossexualismo de ambos.

Mm^e Durocher apelava, com sua maneira “quase varonil”, para a construção da identidade profissional da parteira *instruída*, marcando com isto o terreno da mulher na ciência e na arte.⁶

Por motivos diferentes, os parteiros também apelaram para a feminilização, como estratégia de ocupação do recém-criado mercado.

Um parteiro “afeminado” e uma parteira “masculinizada” relativavam um outro aspecto relacionado “à masculinização do ofício e suas consequências”. Por princípio, ambos ameaçavam a “moral sexual” da época.⁷

Tudo indica que as questões relativas ao “pudor” feminino e ao ciúme dos maridos reformularam a identidade sexual dos parteiros e parteiras da época. Por motivos diferentes ambos os sexos criaram estratégias de ocupação.

This⁸ cita fragmentos de tratados ou de experiências de parteiros para desenhar o quadro das consequências desta entrada na cena do parto:

Ce changement des mœurs ne s'était pas fait sans heurts. Il suffit de lire l'opuscule de Hecquet, De l'indécence aux hommes

d'accoucher les femmes, pour se rendre compte de l'horreur que suscitaient ces pratiques nouvelles."⁹ Por exemplo, no *Traité des maladies des femmes grosses*, (1695) do parteiro Mauriceau (1637-1790), se alude às aparências desalinhas e sujas. dos parteiros do período, "afin de ne donner aucume jalousie aux maris des femmes qui l'envoient quérir pour les secourir".¹⁰

A experiência vivenciada pelo parteiro Mauquest de la Motte, onde, apesar do socorro prestado, com todos os cuidados possíveis tomados para preservar o pudor da gestante no parto, mostra como a operação de "tocar", embora praticada *debaixo dos lençóis* era vista como uma verdadeira agressão à parturiente: "Eile mourut cependant une demi heure après que je l'eus si heureusement accouchée (...) et l'on ne peut guère imputer cette mort qu'à la frayeur dont cette femme avait été saisie".¹¹

A feminilização do comportamento foi assumida tanto pelos parteiros ingleses, expressas na caricatura que se referia a eles como "a parteira-homem",¹² quanto com os franceses, quando começaram a atuar nesta arte, apelidados de "sage-femmes en culottes".

Tudo indica que este aspecto oficioso da prática de partos realizada por homens teve de ser implementado no Rio de Janeiro, como consta de um relato de Mme Durocher numa passagem de sua experiência clínica, quando, junto com o Dr. Feijó, resolvem fazer a extração que, feita pelo Dr. Feijó "com habilidade que todos lhe conheciam, bem como a facilidade com que executava as manobras *sob os lençóis*" seguindo neste proceder o exemplo do ilustrado Dr. Francisco Júlio Xavier".

2 - O destino da escola de partos de Paris e o conflito parteiras-parteiros pelo mundo.

O projeto de uma escola (nacional) de obstetrícia para mulheres, a ser criada no Rio de Janeiro em 1830, copiava parcialmente o modelo da de Paris, única no gênero, criada em 1802.

Como projeto, perambulou pela Câmara Municipal Monárquica do Rio de Janeiro e Academia Imperial de Medicina, de 1832 a 1845. O cirurgião francês Stanislaou Le Masson foi o primeiro a encaminhar o projeto em 1830. Mme Stephanie Berthout, segunda parteira francesa a se radicar no país, por seu lado, havia encaminhado outro pedido similar, reforçando a

necessidade de uma escola de parteiras, com características nacionais.¹³

Por serem de nacionalidade francesa, embora naturalizados e aqui radicados, foram interpelados pela embrionária corporação cirúrgica, na figura do professor de partos Júlio Xavier, recém-graduado da Faculdade de Medicina de Paris (1831). Um século depois, Fernando Magalhães se pergunta “o porquê disto, se a idéia de Le Masson era tão boa”.¹⁴

3 -Em que consistia o projeto da Escola de Partos de Paris?

Na Escola de Partos de Paris (1802), mulheres do território francês e do mundo inteiro, jovens, em sua maioria solteiras (poucas casadas ou viúvas), entre outros detalhes explicados ao longo da primeira parte da tese, estudavam durante seis meses, depois de um e até dois anos, no final do século, para conseguir a formação e o diploma de parteiras.

Era um exército de mulheres, com um média anual crescente em 100 alunas/ano até 1815. Depois desta data começa a declinar drasticamente. Eram alunas percorrendo aulas, sala de partos, enfermarias de pacientes, vacinando etc. De dia, de noite, com o intuito de aprender a profissão de “mulheres sábias” (sages-femmes) ou entre nós, parteiras diplomadas ou instruídas.

A Escola da Maternidade de Paris, inaugurada em 1802, no antigo Bairro 12 da velha Paris, foi uma das determinantes dos rumos da nossa história. Transformada num centro de excelência de estudos anatomoclínicos feminino, despertou rivalidade entre suas congêneres francesas, sediadas nas Faculdades de Medicina.

Em que pesem os esforços dos membros da faculdade de medicina de Paris por estabelecer um curso de partos para seus alunos, até 1835 isto era praticamente impossível: “Avant 1835, écrit Depaul, les jeunes médecins en quittant Paris entraient chez eux sans avoir jamais vu une femme accoucher, sans même avoir examiné une femme enceinte”.¹⁵

O projeto inicial centralizava o ensino e a prática (hospício da maternidade) em uma única escola, sediada em Paris.

No entanto, em 1803, houve a quebra da centralização e vários cursos de formação rápida para parteiras foram abertos pelas faculdades de medicina por todo o território francês. O nível exigido, o tempo, a qualidade do ensino e a falta de prática deixaram estas parteiras próximas do formato das matronas e dependentes dos médicos.

As alunas da Escola de Partos de Paris tentaram reagir i

desqualificação profissional, encaminhando, em 1812, uma petição com 188 assinaturas endereçada a M. Camet de la Bonnadière, membro do Conselho Geral dos Hospícios. Em razão destes acontecimentos, segundo Coulon-Arpin,¹⁶ houve uma *ordennace Royale* em 2 de fevereiro de 1823, reorganizando os cursos de partos na Escola de Medicina, mas o nível exigido continuou muito baixo, devido ao enorme analfabetismo entre as mulheres dificultando seu avanço científico.

Em 1854, o decreto de 22 de agosto tenta dar uma outra resposta à demanda das *sages-femmes* de elevar o ensino ou aumentar as exigências para quem quisesse exercer a profissão de parteiras. Mas a resposta oficial limitou-se a dividir a categoria em duas classes:¹⁷

- Parteiras de primeira classe, título dado àquelas graduadas nos cursos das escolas da faculdade de medicina. Estavam autorizadas a exercer a profissão em todo o território nacional
- Parteiras de segunda classe, àquelas que obtiveram o diploma de uma escola preparatória. Exerciam de maneira restrita a profissão, no lugar em que o diploma foi obtido.

A Escola de Partos de Paris foi classificada na segunda classe. Este o preço que pagava pela ousadia em disputar o espaço com a ciência. Todas as graduadas deste período exerceram a profissão em Paris, o que pode ter afetado o envio de alunas para o território nacional.

Em 1857 passou para a primeira classe, mas as alunas tiveram de se submeter ao exame da comissão examinadora da Faculdade de Medicina de Paris. As aprovadas poderiam exercer a profissão ou obter um certificado de estágio. Esta ingerência nos assuntos internos da escola contribuiu para modificar o quadro da formação profissional e o perfil comportamental das graduadas.

A classificação de parteiras de segunda classe sobreviveu na legislação francesa até 1914, quando foi unificada a titulação e a categoria, dando margem à criação de associações de defesa da categoria.

Segundo Mme Durocher, esta teria sido a grande estratégia da “*mais refinada diplomacia da faculdade de medicina francesa*”, que enciumada com a formação das alunas saídas da escola de partos, abriu o curso de parteira na(s) Faculdade(s) de Medicina de Paris, tornando a profissão o “*refugium peccatorum das grisettes* de Paris e de outras; assim, conseguiram sem violência, com tática e perseverança, o desconceituamento quase geral das parteiras”.¹⁸ Esta estratégia da corporação médica francesa acabou se estendendo pelo mundo afora, abalando ética e profissionalmente o trabalho da recém-criada profissão

de parteiras instruídas, desde o início do século XIX.¹⁹

O fechamento da maternidade de Paris, por volta de 1870, alegando-se insucesso no controle das infecções puerperais, foi outro momento que contribuiu para o fechamento da Escola de Paris (embora este fato não fique explicitado na documentação francesa). Esta tinha como local de prática a maternidade fechada. O nosso frágil curso de partos para parteiras, sediado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, também se viu afetado por este processo, fechando em 1876.

Nestes dez anos, a técnica médica no campo da obstetrícia começou a ter avanços mais expressivos, devido ao início do controle das infecções puerperais hospitalares, recriando a possibilidade de se fazer partos seguros nas maternidades.

O apoio da assistência pública francesa foi decisivo. O parto foi sendo direcionado ou para as parteiras "agregadas" ao serviço hospitalar maternidade ou para aquelas inscritas no "bureau" de beneficência.²⁰

Logo que o espaço das maternidades foi reaberto, a gratuidade do atendimento seduziu a população. A maternidade perdia seu estigma de lugar de mulheres pobres, miseráveis e desclassificadas.

No final do século, em 1892, diante de um mercado já contraído pela redução de nascimentos, inclusive domiciliares, disputado com os médicos, onde cada vez mais se baixavam normas e leis proibindo as parteiras de usar seus instrumentos cirúrgicos, mesmo os mais necessários à profissão, e destituídas definitivamente do grau de cirurgiões, vislumbra-se o projeto de transformá-las em "enfermeiras instruídas".²¹ Profissionais femininos, auxiliares dos parteiros na vigilância à gravidez e parto e cuidados puericulturais com os recém-nascidos.

Notas

¹ Mm^{as}. Maria Josephina Mathilde Durocher, parteira pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, parteira da Casa Imperial e de S.A. a Sereníssima princesa D. Leopoldina, Duquesa de Saxe Coburgo e Gotha.

A este conjunto de títulos, Mme Durocher acresce o de ter sido o primeiro membro feminino na Academia de Medicina, em 1871. *Annaes Brasilienses de Medicina*, tomo XXII, 256-

² Mott, M.L. de B. *Idem* p. 47.

³ Durocher, J.J.M. *Deve ou não haver parteiras?* *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 299, fev. 1871a.

⁴ Velpeau, Alfred Sam. Lis. Mrie. (Alfred-Louis) 1795-1867 fez o concurso para professor agregada na Faculdade de Medicina de Paris, em 4 de novembro de 1823. Houve cinquenta inscritos no concurso; destes, três eram cirurgiões parteiros: Beaudelocque A.C. e Dubois, P.A., além do próprio Velpeau. Eram 31 vagas, sendo os três aprovados. In AJ/16/21 doc. escolarité 3, Archives Nationales, Paris. Velpeau pronuncia a seguinte sentença: "Lorsque l'on songe que l'on ne fait pas moins de deux mille accouchements par an à la Maternité, et que ce trésor est à la disposition d'une centaine de sages-femmes qui en sortent chaque année, et qui, une fois libres, n'auront d'autre mission, d'autres droits, que de présider aux accouchements simples"! Após meio século, a assistência pública transforma a cadeira de partos teóricos dada pelo professor Pajot, em uma cadeira de clínica, confiada ao professor Pinard. Esta cadeira foi transportada para a maternidade, sendo uma parte aberta para os alunos de medicina durante alguns dias da semana, e a outra para asalunas parteiras, a ser dada pelo professor Guéniot. Velpeau tem a honra de ter sido o mentor desta reforma. In Witkowski, G.J. *Accoucheurs etc...* op. cit. p. 207.

⁵ Mme Durocher. *Deve ou não...* op. cit. *idem* pp. 330-334.

⁶ Mme Durocher. *Deve ou não...* op. cit. *idem* pp.330-334.

⁷ Bologne Jean Claude. *Histoire de la pudeur*. Paris, Olivier Orbin.

⁸ This, B. *Le père: acte de la naissance*. Paris, Seuil, 1980, p.62 317 p. O autor destaca as consequências na construção da figura paterna quando da entrada dos homens no parto.

⁹ This, Bernard. *Le père: acte de la naissance*. Paris, Seuil, 1980. p. 62. 317 p., destacando as consequências civilizatórias da entrada dos homens parteiros. Nas páginas 55 a 58 discutem-se as estratégias de ocupação idealizadas por parteiros.

¹⁰ *Idem*, p. 50 cita um trecho do parteiro Mauriceau "Traité des maladies des femmes grosses", acrescentando a pergunta.

¹¹ This, op. cit. p. 55

¹² As caricaturas dos parteiros associando-se ao sexo feminino datam de 1793.. In Donnison, Jean. *Midwives and medical men. History of inter-professional rivalries and women's rights*. London, Heinemann, 1977. plate 2º e 3º. p. 60

¹³ Berthout, Stephanie propôs esta escola para a Câmara Municipal Imperial em 27 de junho de 1832. In: *Memorial para se consultar*. Rio de Janeiro, Seinhot-Plancher e cia, code 99A, 5 obras raras, Bibliothèque nacional, RJ, 1832. Le Masson, Florencio Estanislao in clínica Obstétrica nº . Magalhães, F. conferência dada à Maternidade Baudelocque Paris, 1930.

¹⁴ Magalhães, F. *A obstetrícia no Brasil*. Rio de Janeiro, Leite Riverio, 1922. p. 226. (399p.).

¹⁵ Coulon-Arpin, M. p. 80 2º vol.

¹⁶ *Idem*, p. 81.

¹⁷ *Idem*, p. 81. Também o professor Jacques Leonard coloca que a Revolução Francesa foi desigual para as mulheres no exercício de sua arte ou mesmo com as viúvas que exercitavam o metiê do marido. Após a Revolução, os decretos de 23 de fevereiro de 1827 e de 15 de maio de 1846 modificaram a tutela e subordinação da mulher aos homens. No caso das parteiras, a tutela explicita-se da seguintes maneira: "c'est un docteur qui doit diriger les cours d'accouchement destinés aux élèves sages-femmes de 2a. classe; et sont des docteurs qui siegent dans les jurys formés pour les

recevoir; en cas d'accouchement laborieux, elles doivent appeler un docteur. In *Les médecins et les soignants*.

¹⁸ Mme Durocher. *Deven ou ... op. cit.* pp.266-271.

¹⁹ "Relação das alunas matriculadas no curso de partos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: uma em 1834, uma em 1838, uma em 1839, uma em 1853, uma em 1857, duas em 1868, duas em 1869, duas em 1870, uma em 1875, uma em 1876. Pode-se dizer que, entre 1833 e 1876, não se formaram mais que dez alunas" (Memórias históricas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e AN. IE-3, 11 a 32) In: Mott, *Mme Durocher e as parteiras do século XIX. op. cit.* pp. 52-53

²⁰ Tucac, D. *Les sages-femmes a Paris de 1871 a 1914, these de troisiem cycle*. Université Paris VII, 1983. (profa. orientadora M. Perrot). Tucac defende a hipótese de que foi a assistência pública que contribuiu para a virada definitiva do atendimento em favor dos parteiros. No entanto, a autora não analisou quem fazia parte da direção dest órgão no período. Os trabalhos de Nadine Lefaucheur, "De l'art des accouchements à la protection maternelle et infantile" CNRS-Mire, IRESCO, 1989, apontaram para o grupo de parteiros que se associou ao Prof. Tarnier, mentor intelectual da ocupação do atendimento ao parto.

²¹ A tendência de transformar as parteiras em auxiliares começou na segunda metade do século XVIII. O curso médico aberto para mulheres, em 1875, contribuiu para o fechamento da perspectiva médica desta carreira. A idéia de transformar o nome de "sages-femmes" em "accoucheuse" poderia permitir outro caminhar à profissão, mas relutam nesta transformação. Entricheiradas como sagas gregas, as "sages-femmes" ficaram espremidas, de um lado, entre a corporação masculina, cada ano mais forte nas exigências e preparatórios, bem como na pesquisa e na ciência. Do outro, seus pares parteiras "desfiguradas" por uma formação desigual - caricaturesca atrelada aos serviços dor cirurgões parteiros.

Bibliografia pesquisada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

BERTHOUT, S. *Memorial para se consultar*. R.J.: Sinhot-Plancher e Cia. code 99A, 5 seção obras raras, Bib Nacional do Rio de Janeiro.1832.

Compêndio das doenças e outras indisposições das mulheres para servir de guia às parteiras na arte de partos: precedido de uma dissertação sobre o tato; Obra dedicada às mães de família. Por Mme E.B. Rio de Janeiro, 1830. 53p.seção obras raras. doc 99A,18,1.

DUROCHER, MJM. *Conselhos sobre a escolha de amas*, e as causas que influem acerca d'amamentação d'uma criança. Rio de Janeiro: Ty de Teixeira e Cia.1849. (71 p. mais os anexos)

Idéias para coordenar a respeito da emancipação. Por MJM Durocher. R.J., typ do diário do RJ, 1871. (microfilme 76,1,4,nº9 Obras raras)

BARBOSA, L.I. Cadastro e recomendação às parteiras diplomadas, prática e curiosas. RJ, 1951. doc. II- 410,7,3 - n.4.Obras raras

ALMAQUE LAEMMERT. cod ADM MERC e Ind da Corte e províncias do Rio de Janeiro, PR - SOR -165.

Bibliografia pesquisada na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina – RJ

DUROCHER, MJM. *Considerações sobre a clínica obstétrica*. in Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. VI série, tomo II nº 3 - R.J. Janeiro-

março de 1887. Pp.241-342.

_____. *Deve ou não haver parteiras*. Annaes Brasiilienses de medicina do Rio de Janeiro. Vol XXII janeiro de 1871 nº 8 pp. 256-271; vol XXII. -fevereiro de 1871.-nº 9 pp. 289-302; vol XXII - março de 1871, nº10 pp. 329-336.

_____. *Reflexões sobre a eclampsia e convulsões dos recém-nascidos*. Rio de Janeiro: Typ Central de Evaristo Rodrigues da Costa, 1883. (63 p.).

_____. *Aderência de placenta*. Annaes da Academia de Medicina do R.J. VI série, tomo I (1885-1886) RJ:Typ Universal de Laemmert, pp.181-185.

_____. *Do emprego do canteio espigado nos partos*. (trabalho lido na sessão de 19 de junho de 1871)pp.93-103.

_____. *O Chloral* (memória da parteira Durocher) pp.39-40. Annaes Brasiilienses de Medicina (referência após o artigo) tomo XXIII-julho de 1871 nº2 MAGALHÃES, A. *Breves considerações sobre o estudo e exercício da medicina no Brasil e em França*. Paris: Luis Leclerc ed. Rue d'école de médecine,1863.

_____. *A obstetrícia no Brasil*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922 (399 p.)

_____. *O Centenário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832-1932)* Rio de Janeiro: Typ A.P. Barthel. 1932. (437 p.)

_____. *Várias conferências realizadas na clínica Baudelocque em Paris*, ano de 1930. (serviço do prof Couvalaire) in Revista Clínica Obstétrica 28-30 Rio de Janeiro:Typ Almanaque Laemmert, 1930-32.

REVISTA SYNIATRICA, anno IX-Rio de Janeiro - agosto de 1916-nº8 pp.113-132. discursos Dr Alfredo Nascimento; Dr Olímpio da Fonseca; Dr Luís H. Vieira Souto; Nascimento, A. *O tributo da morte - elogios históricos* (Carlos Frederico, Peçanha da Silva, Mme Durocher; Billroth Peter, Brown-Sequard e Charcot). Annaes da Academia de Medicina; R.J. Tomo cinquenta e nove 1893-1894. RJ: Companhia Typographica do Brasil, 1893.pp.301-355

Bibliografia Secundária

ARAÚJO DE, A.R. *A assistência médica hospitalar no Rio de Janeiro no século XIX*. RJ: MEC, 1982. (231 p.)

BEAUVALET, S. *La mutation de la transmission du savoir:de la matrone à la sage-femme médicalisée*. (p/ publicar) 1995.

_____. *Perdre la vie en la donnant: La mortalité maternelle à Port-Royal, 1815-1826*. Annales de démographie historique, 1994.

_____. & J. Renard. *Des sages-femmes qui sauvent les mères?* histoire, economie, société, 1994 (p/ publicar)

COELHO, E.F. *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro 1854-1884*. Dissertação de mestrado. Depto de história, fac de filosofia, ciências e letras da Universidade de São Paulo,1992.

CORREA, Brenes A. Um olhar brasileiro sobre o caso de Paris. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense/EHESS. 1996. (cópia no centro da memória da fac de medicina UFMG).

_____. *História da parturação no Brasil século XIX*. Cadernos de saúde pública (Mulher-saúde) vol VII, Nº2/abril-jun 1991. (coord K.M. Giffin)pp.135-149. (289 p.).

COULON-ARPIN,M. *La maternité et les sages-femmes de la pré-histoire au XXème*

- siècle. Paris: Dacosta, 1982. Tomos I et 2.
- ENGELS, M. *Meretrizes e doutores*. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890) SP: Brasiliense, 1989.
- FILIPPINE, N.M. *La naissance 'extraordinaire', la mère, l'enfant, le petre, le médecin face à l'opération césarienne* (Italie XVIIIe-XXe siècle). Thèse de 3ème cycle, EHESS, Paris, Dec 1993. (700 p.)
- FUNCH, R. G. *Pobre e grávida em Paris*. Estratégia de sobrevivência no século XIX (trad Rosane Rangel) Poor and pregnant in Paris, New Jersey: Rutger University press; 1992. (289 p.).
- GÉLIS, J. *La sage-femme ou le médecin*. Une nouvelle conception de la vie. Paris: Fayard, 1988. (560 p.)
- _____. *L'arbre et le fruit*. La naissance dans l'occident moderne XVIe - XIXe siècle. Paris: Fayard, 1984. (611 p.)
- _____. *Entrer dans la vie*, naissances et enfances dans la France traditionnelle, en collab avec Mireille Laget et Marie-France Morel; coll Archives, Gallimard-Julliard, Paris, 1978.
- HECQUET, P. *De l'indécence aux hommes d'accoucher les femmes et de l'obligation aux mères de nourrir leur enfants-suivi de deux questions aux de médecine (1707)*. Paris: Côté-femmes, 1990. (182 p.) préface Hélène Rouch.
- L'AVENIR DE LA SANTÉ. Eléments pour la réflexion. Tome II de la recherche à l'éthique. Paris: Avenir 15 ans, 1989. "L'ordre des sages-femmes (p/ H. Ruf e C. Rigal) pp.759- 764.
- LEONARD, J. *Femmes, religion et médecine*. Les religieuses qui soignent en France au XIXe siècle. in Annales ESG n°5, 1977, pp.887-907.
- MATHIEU, N.C. *L'anatomie Politique*. Paris: Côté -femmes, 1991.
- MOTT, M.L. de Barros. *Parteiras no século XIX: Mme Durocher e sua época*. Rio de Janeiro: Rosas dos ventos (org. Albertina de O. Costa & Cristina Bruschini) pp.37-56, 1992.
- SANTOS, L, filho. *História geral da medicina Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1991. vol 1,2.
- THIS, B. *Le père: acte de la naissance*. Paris: Seuil, 1980. (317p.)
- TUCAT, D. *Les sages-femmes à Paris (1871-1914)* Thèse 3ème cycle, Université Paris VII-UER, Hist et Sciences de la société, 1983. (236p)